

ELEIÇÕES BRASILEIRAS

2022 EDIÇÃO
ESPECIAL

José Renato Ferraz da Silveira¹

ENSAIO

SILENCIOSO DESESPERO

SILENT DESPAIR



INTRODUÇÃO

Nos atuais tempos de polarização, no Brasil, em que há tépidas paixões de ontem e impetuosos ódios de hoje, eu tento me afastar. Vou para o campo. Ali repouso. Ali sinto. Sinto a alma da Floresta. A asa arrebatada da ave noturna que atravessa o céu. A claridade lunar. A solidão. A profundidade silenciosa da alma. Meus olhos, atentos, observam tudo. Ali, no meio da floresta, há tesouros invisíveis. Um grupo de pequenas fadas dançam em círculo. Elas dançam excitadas com uma gema luminosa. Uma delas as dirige e é bastante autoritária. Ela pede que todas as demais fadas a obedçam e a sigam sem questionar.


Embora esta breve passagem onírica seja uma fantasia num “inverno de descontentamento” e de ansiedade pelo novo que desconrtinará, o sentimento transportado no texto é uma recorrência psíquica da obra *Walden* de Henry David Thoreau²: um manifesto filosófico de experiência existencial em que o autor sugere que uma vida livre e independente é criada a partir do momento que criamos o nosso caminho. Fazemos

nossas escolhas conscientes/inconscientes a partir da nossa visão de mundo (cosmovisão).

Esta introdução literária e não ortodoxa do presente ensaio³ é um resgate das maiores sentenças de Thoreau em que ele afirma que a maioria dos seres humanos leva uma vida de “silencioso desespero”.

O desespero trágico é uma condição humana. O sofrimento é parte constituinte da existência humana. “O sofrimento é condição indispensável da tragédia na política” (SILVEIRA, 2012, p. 146).

Todo homem que despertou dos primeiros sonhos da mocidade, que tem consideração a sua própria experiência e a dos outros, que estudou a história do passado e a da sua época, se quaisquer preconceitos demasiados arraigados não lhe perturbam o espírito, acabará por chegar à conclusão de que este mundo dos homens é o reino do acaso e do erro, que o dominam e o governam a seu modo sem piedade alguma, auxiliados pela loucura e pela maldade, que não cessam de brandir o chicote. Por isso, o que há de melhor entre os homens só aparece após grandes esforços (SCHOPENHAUER, 2014, p. 31).

¹ José Renato Ferraz da Silveira é professor Associado III do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria. Editor chefe da Revista *InterAção*. jreferraz@hotmail.com.  0000-0001-7751-7583

² Henry David Thoreau (1817-1862) é considerado o pai fundador do anarquismo.

³ Este ensaio sardônico é uma breve, descompromissada, provocativa, especulativa e com algumas generalizações e simplificações acerca das eleições e da polarização política no Brasil. É uma tarefa de criar debates e estimular reflexões em torno de todos estes aspectos e elementos abordados. É o marco zero, uma ousadia intelectual na ideia de incorporar ensaios de “mentes prudentes e imprudentes” na revista *InterAção*. O ensaio é um texto opinativo no qual são expostas ideias, críticas, reflexões e visões pessoais. O ensaio problematiza diversas questões sobre assuntos variados, focados pela opinião do autor, e em algumas vezes, apresentam conclusões originais.

Dores, fome, angústias, lágrimas, violência, a falta de esperança e a morte constituem um caleidoscópio cruel e fatal aos mortais que desfilam no palco da vida.

A descrição de Thoreau como uma vida de “silencioso desespero” se ajusta como parte do atual cotidiano político brasileiro.

Estamos em ano eleitoral. E temos uma eleição presidencial considerada polarizada pelos *expertises*.

Num ano eleitoral e definidor de rumos, a questão essencial é: por que não conseguimos reduzir a desigualdade, prevenir a exclusão, melhorar minimamente a infraestrutura do nosso país? Quais são os caminhos do realismo para chegar e realizar não o possível ou o impossível, mas simplesmente o necessário? (SEDUFMS, 2022).

Pois bem, vale registrar os dados da segunda pesquisa do Ipec⁴ no qual houve a estabilidade na intenção de voto entre o Lula e o Bolsonaro no primeiro turno, 44 a 32, respectivamente. É real a possibilidade de segundo turno entre os dois principais candidatos.

Tabela 1 - Primeiro Turno

| | |
|--------------------------------|-----|
| Luiz Inácio Lula da Silva (PT) | 44% |
| Jair Bolsonaro (PL) | 32% |
| Ciro Gomes (PDT) | 7% |
| Simone Tebet (MDB) | 3% |
| Branco/Nulos | 7% |
| Indecisos | 6% |

Fonte: CNN BRASIL (2022).

⁴ Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica. A Companhia, fundada em fevereiro de 2022, afirma ter a mesma capacidade operacional, técnica, metodológica e de atendimento aos clientes do antigo Ibope. O Ipec possui oito sócios, incluindo Carlos Augusto Montenegro, o único membro da Família Montenegro, responsável pelo Ibope desde os anos 1970.

O momento político brasileiro de intensa da polarização “exige” a escolha de um lado⁵. Ressaltemos que antes da campanha eleitoral, já tínhamos um quadro pré-definido entre os dois principais postulantes à presidência da República: o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) e o atual presidente Jair Messias Bolsonaro (PL). É inegável que os apoiadores de Lula e Bolsonaro já debatiam nas ruas e redes sociais – de forma mais virulenta e agressiva – desde o ano passado (2021).

A ESCOLHA DE UM LADO

Na História Ocidental, lemos acerca das encruzilhadas tenebrosas: católico ou protestante, pró ou contra a Revolução Francesa, comunista ou fascista?

“Vermelho ou negro, revolução ou reação, eram as alternativas dos tempos dramáticos dos heróis de Stendhal na guerra napoleônica ou dos de George Orwell e André Malraux na da Espanha” (RICUPERO, 1998, p. 30).

Normalmente, as opções são em geral polarizadas, em preto e branco. Mudar e escolher são inseparáveis como a moeda nas duas faces cara e coroa. “Horas decisivas de ruptura e mudança na história são quase sempre acompanhadas por escolhas dilacerantes entre alternativas radicais e excludentes (RICUPERO, 1998, p. 35).

Por mais que as cores desbotaram e se confundem na névoa das indefinições, muitos ainda querem que definamos o que queremos em dois polos. Nestas épocas excitantes, parece que escolher um lado é crucial. Nada aprendemos da lição do burocrata inglês que trabalhou 30 anos como servidor. Dizem que na festa de despedida dele, o diretor do serviço público inglês perguntou: - Qual foi o seu maior aprendizado? O servidor

respondeu rapidamente: - Aprendi a distinguir as infinitas gradações do cinzento.

De fato, nos tempos de estabilização e continuidade de um projeto, enxergamos os diversos tons de cinza e as opções praticamente desaparecem⁶. Há uma necessidade de manutenção, manter o *status quo*.

Em momentos de crise, há necessidade de outras opções e escolhas⁷. E, normalmente, se limitam a duas⁸. As sociedades humanas parecem obedecer e seguir um padrão binário: falso e verdadeiro, justo e injusto.

⁵ Os dois candidatos e as suas campanhas buscam a confrontação numa luta maniqueísta entre Bem x Mal, Anjos e Demônios, Progresso x Atraso, Riqueza x Pobreza, Democracia x Autoritarismo e etc.

⁶ Mera especulação e rodeio filosófico.

⁷ Outra provocação sem grande fundamentação teórica.

⁸ Há uma necessidade de operar num padrão binário. Tudo fica mais simples e simplificado. Tudo isso simplifica a realidade fragmentada e complexa da vida humana.

O FENÔMENO DA POLARIZAÇÃO ESTÁ PRESENTE NO BRASIL?

De acordo com o levantamento “*Guerras Culturais*”, da Ipsos, existe uma polarização no Brasil (ESTADÃO, 2022):

A polarização política no Brasil supera até as diferenças entre classes sociais e religiões quando o assunto é “tensão social”. A cada dez brasileiros, oito dizem acreditar que há uma tensão elevada no País entre pessoas que defendem bandeiras partidárias diferentes.

De acordo com o estudo da Ipsos, o percentual de polarização no Brasil supera a média global de 28 países. Ainda segundo a pesquisa, briga-se mais por política partidária do que qualquer outro assunto. “Exemplos dessa tensão e violência política não faltam e vão de bate boca em grupos da família até casos extremos, como as ameaças de mortes recebidas por lideranças da esquerda eleitas em 2020” (ESTADÃO, 2022).

As denúncias de crimes que envolvem discurso de ódio na internet cresceram 67,5% no primeiro semestre de 2022 na comparação com o mesmo

Tabela 2 - Entre quais grupos há mais tensão no Brasil? (Em porcentagem)

| | |
|---|-----|
| Apoiadores de partidos diferentes | 83% |
| Ricos e pobres | 79% |
| Diferentes grupos étnicos | 73% |
| Diferentes religiões | 73% |
| Elite e classe trabalhadora em metrópoles | 69% |
| Homens e mulheres | 68% |
| Pessoas com e sem ensino superior | 63% |
| Velhos e jovens | 53% |
| Imigrantes e nativos | 66% |

Fonte: Estadão.

período do ano passado. Foram quase 24 mil casos recebidos pela Safernet, ONG de proteção dos Direitos Humanos no ambiente digital. Os discursos de intolerância religiosa foram os que mais cresceram no intervalo: **654%**, com **2.813 denúncias**. Depois, apareceram a xenofobia, com aumento de 520% no volume de registros, e o neonazismo, que avançou **120%** (G1, 2022).

Especialistas afirmam que há uma escalada da violência nos anos eleitorais. Por exemplo, a morte de Marcelo Arruda é um exemplo de violência política presente no país

Desde 2014, o Brasil sofre um processo muito grave de polarização política. E isso se acentua pela presença das mídias sociais, que exacerba a polarização política e cria uma animosidade. Elas levam essa polarização para um processo de animosidade, de ódio. É possível ter um processo de polarização que não se baseia em ódios pessoais. Mas no Brasil de hoje, como também nos Estados Unidos, você tem essa mistura tóxica de ódio pessoal e polarização política (BBC, 2022).

Um dos traços típicos da crise da democracia liberal – principalmente no mundo ocidental - é a desordem das paixões ávidas por satisfação, a tirania da opinião democrática, o aumento irreversível de demandas que pressionam os governos e “acarreta o declínio da autoridade e torna os indivíduos e os grupos rebeldes à disciplina e aos sacrifícios exigidos pelo interesse comum” (RANCIÈRE, 2014, p. 15). A demanda social é paradoxal. Há reivindicação por justiça, segurança, educação, saúde, mas impera o “reino monstruoso da adolescência⁹”, as mudanças devem ser imediatas sem levar em consideração as “sutilezas” e as “complexidades” do jogo político. Por isso, muitas vezes, o contrapoder, os desejos da instância cidadã aparentam ser inúteis ou infantis. Talvez seja uma especialidade brasileira.

Especialistas apontam que a polarização aumentará no Brasil à medida que a eleição se

aproxima.

Acho que vai piorar, porque a campanha política vai ser, certamente, entre Lula e Bolsonaro. E 40% do país tem ódio do Lula e outros 40% têm ódio do Bolsonaro. A tendência provável de Lula não vai ser polarizar. Ele vai polarizar contra o Bolsonaro, mas não vai assumir posições radicais. Mas Bolsonaro sempre polariza e certamente ele vai pintar Lula como um diabo. Eu acho quase inevitável que a polarização se exacerbe nos próximos meses. Agora, depois da eleição é um momento de possível diminuição da polarização. Os dois candidatos vão ter que costurar alianças para governar o país (BBC, 2022).

DUAS CONTRIBUIÇÕES EMPÍRICAS RECENTES SOBRE A POLARIZAÇÃO NO BRASIL

Há dois importantes e recentes estudos empíricos sobre a polarização política no Brasil: o artigo “Brazil: when political oligarchies limit polarization but fuel populism” de Umberto Mignozzetti e Matias Spektor e o artigo “Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião”¹⁰ de Pablo Ortellado, Márcio Moretto Ribeiro e Leonardo Zeine.

No artigo intitulado “Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião” (2022) de Pablo Ortellado, Márcio Moretto Ribeiro e Leonardo Zeine, os autores investigam o fenômeno da polarização política no Brasil. Eles ressaltam que a polarização “vem sendo tomada como um pressuposto sem ser, de fato, investigada” (IBIPAD, 2022). É muito frequente vermos nos discursos políticos e em matérias jornalísticas que o Brasil está polarizado. Portanto, os três autores realizam um estudo de polarização no país a partir de pesquisas de opinião que representam toda a população brasileira. “Os resultados mostram que a polarização política existe em alguma medida,

⁹ Passagem poética e na tendência de classificar o período da adolescência como um rito de passagem da infância para a fase adulta.

¹⁰ Os autores propuseram um artigo de caráter panorâmico e exploratório, buscando aplicar duas bases de dados: o Latin America Public Opinion Project (Lapop) e o World Values Survey (WVS).

mas ela não é generalizada” (IBIPAD, 2022).

Em primeiro lugar, encontramos polarização das opiniões políticas de massa, sobretudo em temas morais, como divórcio e direitos da população LGBT. Essa polarização PABLO ORTELLADO; MARCIO MORETTO RIBEIRO; LEONARDO ZEINE OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 28, nº 1, jan.-mar., 2022, 87, tem um componente geracional relevante e parece ser causada por uma reverberação das mudanças nos costumes que reforçou o conservadorismo das gerações mais velhas, como foi observado na Europa e nos Estados Unidos por Norris e Inglehart (2019). Encontramos polarização das identidades de esquerda e de direita a partir de 2014 que também é mais acentuada entre as pessoas mais velhas (além das menos escolarizadas). Essa polarização de identidade entre os mais velhos é consistente com a literatura internacional, que, de maneira geral, indica que as pessoas mais velhas são mais politizadas, pelo menos no sentido convencional. Quando olhamos para a relação entre identidades e opiniões, encontramos alinhamento entre as opiniões sobre temas morais e as identidades de esquerda e direita, embora esse alinhamento não seja crescente (polarização enquanto processo). Finalmente, em 2017, encontramos polarização afetiva na correlação da identidade esquerda/direita com a escala gostar/degostar de identidades adversárias no subgrupo das pessoas engajadas. Essa polarização afetiva existe para as identidades de comunista, petista e apoiador do regime militar. Em resumo, quando olhamos para todas as medidas utilizadas na literatura americana nas bases de dados do WVS e do Lapop, encontramos, para o caso brasileiro, polarização política em algum grau (ORTELLADO et al, 2022, p. 86-87).

Os resultados obtidos por Ortellado, Ribeiro e Zeine divergem das conclusões do outro estudo empírico sobre polarização política que é o artigo de Mignozzetti e Spektor (2019) ao qual rechaça a polarização política no Brasil quando se observa os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb).

O artigo encontra um altíssimo grau de polarização afetiva em 2018, com o sentimento anti-PT se destacando em uma comparação internacional, mas mostra baixa polarização partidária de massa e baixa polarização ideológica de massa. Os autores utilizam uma medida de polarização partidária de massa que

consiste na proporção de pessoas que votariam em um partido multiplicada pela proporção das pessoas que nunca votariam no mesmo partido; os resultados mostram uma polarização baixa na comparação internacional. Para medir a polarização ideológica de massa, utilizam uma medida de dispersão e outra de concentração nos extremos da distribuição em uma escala ideológica direita-esquerda. Os resultados indicam polarização relativamente alta na medida de dispersão e baixa na medida de concentração nos extremos. Curiosamente, esse resultado misto e ambivalente é interpretado no artigo como ausência de polarização. Os resultados não são diretamente comparáveis com os nossos porque utilizamos bases de dados e perguntas diferentes, assim como metodologias de mensuração distintas. Mas tanto a polarização afetiva como a polarização ideológica medida pela dispersão que Mignozzetti e Spektor encontram são compatíveis com os nossos resultados. Talvez se trate de uma questão de ênfase, como no caso do copo que pode estar tanto meio cheio como meio vazio (ORTELLADO et al, 2022, p. 87).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente do copo estar meio cheio ou meio vazio, há sinais, evidências, fatos que demonstram a existência de uma polarização política no Brasil. De fato, há nuances e zonas cinzentas evidentes neste fenômeno. Há que se clarificar, dividir e categorizar temas/pautas na sociedade em que há mais convergência e divergência.

Os questionamentos que considero válidos para a reflexão final: temos ou não aumento da violência política entre os grupos apoiadores dos dois principais candidatos em diversos espaços públicos nesta eleição em comparação a 2014 e em 2018? O que representará a vitória e a possível reeleição de Bolsonaro? O que significará a vitória de Lula? Como ficará o Congresso Nacional? Teremos renovação ou não? 2023 será um cenário de turbulência e aumento da polarização?

REFERÊNCIAS

BBC NEWS BRASIL. **Brasil vive mistura tóxica de ódio pessoal e polarização política**, diz americano especialista em democracia na América Latina. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62144553>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Crise e reinvenção da política no Brasil**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CHARADEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Trad. Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

CNN BRASIL. **Pesquisa Ipec para presidente: Lula tem 44%; Bolsonaro, 32%**. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pesquisa-ipecc-para-presidente-lula-tem-44-bolsonaro-32-2/>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

DW. **O que explica e quais os desafios da nova “onda rosa” latina**. <https://www.dw.com/pt-br/o-que-explica-e-quais-os-desafios-da-nova-onda-rosa-latina/a-62212439>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

ESTADÃO. **Polarização no Brasil supera média mundial e causa mais tensão que diferenças entre classes sociais**. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,polarizacao-no-brasil-supera-media-mundial-e-causa-mais-tensao-que-diferencas-entre-classes-sociais,70003796454>. Acesso em: 29 de agosto de 2022.

IBIPAD. **A polarização política no Brasil**. <https://ibpad.com.br/politica/a-polarizacao-politica-no-brasil/>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

G1. **Crimes de ódio na internet crescem 650% em ano eleitoral**. <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/08/29/crimes-de-odio-na-internet-crescem-ate-650percent-em-ano-eleitoral.ghtml>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Moretto. ZEINE, Leonardo. “Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião”. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 28, nº 1, p.62-9, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. Trad. Mariana Echalar. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

RICUPERO, Rubens. **O ponto ótimo da crise**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo: o amor – a morte – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade**. Trad. de José de Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014.

SEDUFISM. **Pedestal vazio**. <https://www.sedufism.org.br/artigo/reflexoes/672>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

SILVEIRA, José Renato Ferraz da. **A tragédia da política em Ricardo III**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.